

QUANTO TEMPO NOS RESTA? DOBRAS E DESDOBRAS DO/SOBRE O TEMPO

Marcelo Vicentin¹
Isabel Cristina dos Santos Rodrigues²
Kátia Batista de Medeiros³

*Sentia que o relógio chamava para o seu tempo,
Que era o tempo de todos aqueles fantasmas,
O tempo da vida que passou...
Tenho saudades dele.[...]
Ainda comprarei um outro que diga a mesma coisa.
Relógio que não se pareça com este meu, no meu
pulso,
Que marca a hora sem dizer nada,
Que não tem histórias para contar.
Meu relógio só me diz uma coisa:
O quanto eu devo correr para não me atrasar...[...]
Quem sabe que o tempo está fugindo descobre,
subitamente,
a beleza única do momento que nunca mais será...
Rubens Alves, Tempus Fugit*

Disparando o cronômetro

Sobre o tempo vivemos a reclamar, nunca o temos em medida suficiente, nunca o temos em sua totalidade. O tempo organiza e regula nosso cotidiano, nossas ações. Mas esse tempo é uma construção humana, uma das maiores da humanidade. Como construção ele tem uma história que pode ser contada por diferentes vieses. O tempo em sua multiplicidade integra o que o homem busca separar, ou, como afirma Norbert Elias (1998): homem e natureza não são fatos separados, mas a presença do homem na natureza.

O homem começou a forjar um novo modelo de tempo a partir da Modernidade e do Capitalismo. Um tempo de relógios, calendários e horários que se tornaram onipresentes, transformando nossas experiências, nossas memórias comunitárias pela civilidade urbana: uma disciplina temporal objetivando subjetividades e identidades

Domínio de um tempo físico medido e controlado por uma consciência temporal enraizada, em que tudo depende de pontas de lanças, ponteiros, telas; uma dependência cada vez maior de um tempo que parece passar cada vez mais rápido; uma sensação simbólica - biológica, psicológica e social de uma realidade que nos escapa a todo instante.

O tempo emerge como instrumento de controle social, provoca sofrimentos, afeta a consciência e as emoções. Contudo, como qualquer outra invenção humana, deveria ser tratado como coisa alheia ao próprio homem, desmontando-se a ilusão de que possa existir por si mesmo, e possibilitando-se a percepção de que cada sociedade dobra e desdobra seu tempo.

¹ Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil. E-mail: marcelovicentin@yahoo.com.br.

² Faculdade Zumbi dos Palmares, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isaisabelrodrigues@gmail.com.

³ Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil. E-mail: medeiroskb@ig.com.br.

O tempo e trabalho

Para E. P. Thompson (1998), o tempo, ou os usos do tempo, como objeto da perspectiva humana, é parte dos costumes e culturas de um determinado grupo ou sociedade que o legitimam, por meio da ocupação que dele se faz, seja na ocupação rotineira no trabalho diário e semanal ou no lazer, o tempo livre.

Essas relações entre o homem e o tempo, para Elias (1998), atravessam a história humana produzindo saberes, organizando e configurando mudanças estruturais na sociedade, permitindo também comparações sobre diferentes modos e usos do tempo - como as experiências humanas com a natureza e em sociedade -, dobrando nossa percepção do tempo, objetivando-nos psicológica e socialmente.

Thompson (1998) observa que durante certo momento da história humana, a relação entre os homens e o tempo não foi de controle sobre a vida ou sobre o próprio tempo, calculado a partir das necessidades das atividades, como orações, cozimentos, execução de tarefas e, o anoitecer e amanhecer. Contudo, o advento das máquinas do sistema fabril, na Europa no século XIV, produziu dobras diferentes às vividas até então pelo processo de produção rural ou artesanal.

Dobras que objetivaram a produtividade, promovendo mudanças na percepção do trabalho e do ócio. Movimento que Foucault (2007) observa como a emergência de novos saberes sobre a vida e o trabalho, estabilizando e organizando “modos fundamentais do saber que [suportassem] em sua unidade, sem fissura, a correlação segunda e derivada de ciências e de técnicas novas com objetos inéditos” (FOUCAULT, 2007, pág. 347).

A industrialização alterou as relações entre o trabalho e o consumo, com o valor deixando de ser signo, tornando-se produto, pois todo valor, qualquer que seja, extrai sua origem do trabalho; a atividade do trabalho se colocou na origem do valor das coisas, por meio da relação entre o tempo de trabalho e produção. E, atravessada pelo processo de construção da ordem do capital, modificaram-se os espaços de trabalho e de vida social, conflitando-se com os hábitos de trabalho de uma comunidade com suas técnicas e ritos; uma organização social comum, com suas ordens, hierarquias e relações de poder entre os membros de vários extratos sociais, gerações e sexos; e os costumes, um campo de contestações distante de certa permanência quando tradição.

O relógio

Para a constituição dessa sociedade industrial, abrangendo um novo modo de produção, o Capitalismo Industrial apresentou uma intensa mudança na forma de exploração da mão de obra. Nesse sentido, foram criadas leis para a regulamentação do tempo de trabalho, com o cálculo das horas trabalhadas, através do tempo marcado pelo relógio, penalizando qualquer ausência do posto de trabalho.

Thompson (1998) observa que as mudanças na percepção do tempo, com o relógio - segundo Elias (1998), processos físicos de sequências-modelos de uma recorrência (horas, minutos e segundos) padronizados pela sociedade, produzindo e orientando espaços-tempos, dando um sentido de duração para um dia de trabalho - contribuíram para o controle da vida profissional e privada dos trabalhadores e para uma alteração da dinâmica social, através de uma cultura de disciplinamento, controle do trabalhador e a hierarquização das relações sociais.

O relógio desempenhou outro papel para além da simples contagem de tempo, como a regulação de novos modos de vida a fim de impulsionar o capitalismo industrial e a promoção de um status quo. Além de organizar do mundo do trabalho, também organizou o mundo social

das aparências. A posse de um determinado relógio passou a representar as condições econômicas e sociais de seu dono. Thompson (1998) observa que qualquer possibilidade de ascensão financeira, com melhoria do padrão de vida, a aquisição de um relógio era a representação deste marco, posteriormente, sendo substituído por outros objetos industrializados, como televisões e automóveis a partir do século XX.

Porém para além do status proporcionado pela posse de um determinado relógio, este se mostrou necessário e conveniente para a sincronização dos processos iniciados com a Revolução Industrial, em geral, configurações e medições de tempo padronizadas, uniformizadas e a repetição para a organização de rotinas diárias.

Os relógios marcaram a sociedade que se organizou a partir da Revolução Industrial, tornando-se a expressão de um processo civilizador, da mudança de hábitos e costumes de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. Porém, como nos adverte Elias (1998), não podemos nos esquecer de que os relógios são invenções humanas que foram incorporadas ao mundo simbólico do homem como forma de orientação e integração de aspectos físicos, biológicos, sociais e subjetivos, pois quando apagamos sua história e sua invenção pela mão humana, apagamos o porquê de sua construção e as transformações sofridas. Ao percebê-lo como algo natural, alheio ao homem, criando a ilusão de existirem por si mesmos, esvaziamos as contradições históricas que carrega.

Tempo e poder

Christoph Wulf (2013) observa que as comunidades são formadas nas e pelas atividades rituais nelas presente, com dobras, transições e organizações simbólicas que criam e estabelecem identidades, produzindo sentimento de segurança e familiaridade para com as ações da vida cotidiana, entre elas: o trabalho. Os rituais, encenação repetitiva de um conhecimento, produzem modos simbólicos de compreender e operar o mundo. Modos que produzem experiências sobre o mundo, sobre uma ordem social.

Esse conhecimento, essa experiência desempenha um papel vital sobre o modo como o tempo dobra, organiza e ordena a sociedade, seja na adaptação da infância aos ritmos da vida adulta, seja nas atividades que envolvam um conhecimento prático, inscrevendo a ordem do tempo no corpo, resultando em habilidades sociais, bem como em habilidades temporais.

Como observa Elias (1998), desde sempre, na concepção do humano, na existência dos homens, a vida seguiu, independente de vontade ou consciência, o curso natural marcado pelo nascimento e pela morte. Porém, em algum momento se procurou ordenar o tempo de acordo com a necessidade humana, com a criação de símbolos reguladores do tempo.

Diferentes momentos históricos estabeleceram relações de medidas de tempo, contudo, somente a partir da era Moderna, com o estabelecimento de sociedades industrializadas, o tempo passou a exercer, coercitivamente, um controle biopolítico sobre os homens, através de uma autodisciplina, autoregulação e sensibilização em relação ao tempo.

As produções humanas de ordenamento do tempo, através de modos simbólicos ou rituais, transmitem costumes centrados sobre o corpo, técnicas políticas e de poder que implicam os homens nas tramas dos aparelhos de produção como força produtiva, e nas tramas biopolíticas - forças de um poder microscópico e capilar - que agem sutilmente, sem violência física, disciplinando o corpo para as relações sociais e de trabalho. Para a produção dessas práticas de disciplinamento do corpo e do tempo, Foucault (2002, 2011c) observou o uso de instituições de sequestro, como as indústrias, as escolas, as instituições correcionais, o hospital, agindo sobre a vida humana como força de produção.

A primeira função do sequestro era de extrair o tempo, fazendo com que o tempo dos homens, o tempo de sua vida, se transformasse em tempo de trabalho. Sua segunda função consiste em fazer com que corpo dos homens se torne força de trabalho. A função de transformação do corpo em força de trabalho responde à função de transformação do tempo em tempo de trabalho. (FOUCAULT, 2002, pág. 119)

Técnicas que dobram o corpo, que incorporam os homens aos aparelhos de produção, como força produtiva por meio do controle sobre o tempo, a fim de promover aptidões e qualidades necessárias para um corpo capaz de trabalhar. Essa regulação, esse controle do tempo se estende sobre a vida cotidiana familiar e social, com ataques aos hábitos e costumes de todos aqueles que ofereçam resistências a esse uso econômico do tempo.

Nessa batalha o ócio se torna um problema, uma vez que todo o tempo deve ser utilizado sem desperdício. Nessa luta, diferentes instituições, como a escola, são locais de disseminação de um discurso que incentiva ao bom uso do tempo, à dedicação e à boa organização do tempo para o trabalho em contraponto ao ócio, caracterizado como um desperdício do tempo, por não produzir nada.

Que tempo ainda nos resta

Para Jonathan Crary (2014), o atual Capitalismo tornou o tempo obsoleto, pois não há mais recanto da experiência humana que não esteja exposto à luz. Como exemplo, o autor observa estudos experimentais de criação de novas drogas e métodos que possibilitem aos soldados ficarem sem dormir, reduzindo a necessidade de sono do corpo; e a construção de refletores solares dispostos na órbita terrestre com a finalidade de fornecer iluminação para o trabalho industrial em regiões que recebem pouca luz solar, possibilitando a diminuição de custos com o consumo de eletricidade e a manutenção ininterrupta dos processos comerciais de circulação global.

Dobras sobre o tempo, em que só se admite a existência daquilo que é útil, acessível e disponível imediatamente: mercados 24 horas por dia, 7 dias por semana (24/7). Uma infraestrutura global de trabalho e consumo contínuo. Essa ausência de restrições, além de temporal, dobra nossos corpos e identidades, que envoltos pela abundância de imagens e produtos consumíveis a qualquer momento, produz um estado de necessidades, de desejos ininterruptos, encorajados e nunca aplacados; uma vida sem descanso e sem mistérios.

Nesse mundo 24/7, de indiferença pelo tempo, o sono, segundo Crary (2014), é o último espaço de resistência. Pela fragilidade do corpo humano, o sono ainda é o agente regulador para com o mundo natural, a natureza e os demais seres vivos. O sono ainda nos faz perceber que não somos máquinas nem computadores, que não temos como estarmos sempre atentos e ativos ao mercado, à moda e às redes sociais.

As práticas de produção e consumo contemporâneas, com o desaparecimento e/ou enfraquecimento de antigas garantias sociais, procuram encurtar e torna produtivo o sono, demonstrando que ele não é necessário nem inevitável, atenuando a necessidade de repouso e recuperação, como componente da lucratividade.

O descanso está enraizado no universo agrícola e artesão, e cada vez mais se mostra incompatível com a racionalidade e a produtividade: no começo do século XX, um adulto norte-americano dormia em média 10h; hoje, dorme por volta de 6h30 por noite. Contudo o tempo tornou caro o descanso e a regeneração dos seres humanos, desdobrando-se em um trabalho sem pausa, sem limites; antes se oferecia aos empregados algumas horas de descanso a fim de torná-los mais eficazes e sustentáveis por um longo prazo.

Como anomalia, última fronteira não ultrapassada pela lógica da mercadoria, o sono continua como uma necessidade humana, não colonizado nem submetido à lucratividade e a lógica 24/7. Quanto tempo nos resta, até se dobrar o sono?

Referências

CRARY, J. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução Joaquim Toledo Jr., São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto C. de Machado e Eduardo J. Morais. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma T. Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. Introdução à edição brasileira de Roberto Machado In: MACHADO, Roberto (Org.) (Trad.). **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2011a, p. VII-XXIII.

_____. Genealogia e poder. In: MACHADO, Roberto (Org.) (Trad.). **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2011b, p. 167-177.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. (Trad.) RAMALHETE, Raquel. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c.

THOMPSON, E. P. Introdução: costumes e cultura. In: _____. **Costumes em comum**. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24

_____. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum**. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

WULF, C. A produção de comunidades em rituais e gestos. In: _____. **Homo pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Tradução Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013, p. 89-117.